

# A UTOPIA LIBERTÁRIA EM NOME DE VÔOS E ILHAS

Rejane Vecchia da Rocha e Silva  
*Universidade Federal da Bahia*

**D**e *vôos e ilhas: literatura e comunitarismos* (São Paulo, Ateliê Editorial, 2003), coletânea de ensaios e artigos do professor Benjamin Abdala Júnior, organiza-se em torno da idéia, como o próprio autor define, “da utopia libertária”. A obra, dividida em cinco temas centrais em que os capítulos se articulam em torno das questões propostas, procura tecer – entre tópicos metodológicos e as possíveis imbricações da literatura brasileira, portuguesa e as africanas de língua portuguesa, além de privilegiar também o diálogo entre o discurso histórico e o ficcional – um panorama crítico das sociedades atuais a partir do campo ficcional. Partindo dessa perspectiva, torna-se possível intercambiar experiências narrativas, de contextos situacionais distintos, que acabam por manifestar, através de personagens e narradores em conflito, a busca do sonho de plenitude, em função do entrelaçamento de uma práxis social esboçada na construção simbólica dos textos escolhidos.

Assim, o conceito de utopia ao longo de *De vôos e ilhas* surge como conceito essencial a partir do qual outras questões teóricas de fundamental importância se apresentam e, ao ser tomado como parâmetro para as análises propostas, liberta-se de perspectivas que banalizam o uso e as interpretações desse conceito. Portanto, quando o autor se reporta à palavra utopia, o adjetivo “utópico” distancia-se da idéia de sonho, como o espaço de ausência da realidade concreta – portanto, irrealizável – onde o homem pode construir uma outra realidade, distante daquela vivida por ele, para estar livre de tudo aquilo que resulta em sua infelicidade. Além disso, distancia-se também das definições dos dicionários, em que o conceito de utopia aparece como o espaço

“que não existe em lugar nenhum” ou o espaço alternativo, criado virtualmente pelo homem para onde se projeta a possibilidade do “que é bom, o espaço da felicidade”. Tais definições, contestadas pelo autor, levariam à conclusão de que esses espaços da suprema tranqüilidade, serenidade e paz jamais seriam possíveis, uma vez que descrevem o espaço do inatingível, pois é o espaço da felicidade em lugar nenhum. Essas perspectivas, portanto, reduzem o sentido do conceito de utopia, uma vez que restringem sua leitura a conjecturas virtuais e improváveis, num campo estritamente subjetivo.

*De vãos e ilhas* propõe uma retomada dessas discussões, ampliando-as em torno dos campos da ficção e da história, além de uma leitura sobre as pressões econômicas, políticas e sociais da chamada contemporaneidade que define um certo enquadramento das sociedades na medida em que são forçadas a ceder espaço frente às imposições dos sistemas de mercado e consumo. Dessa forma, o que Benjamin assinala é que dentro desses contextos de opressão, os indivíduos desenham muitas vezes, com desencanto, suas realidades, mas em contrapartida constroem as possibilidades de resistência. Portanto, paradoxalmente, tais situações, que poderiam provocar a paralisação das ações, acabam por manter acesas as reflexões acerca do cotidiano e fornecer material concreto para que o indivíduo possa criar as possíveis transformações sociais. Partindo de tais pressupostos, o autor volta-se para a questão da utopia e, nessa obra, Benjamin Abdala propõe a leitura do sentido ontológico do “ainda-não-ser”, isto é, uma análise da condição humana projetada para o futuro, por isso, ontologia (*ser*) do que ainda não é, aliado ao destino utópico final, e como define Münster “de um mundo inacabado, porém, pronto e disposto a um aperfeiçoamento, graças à categoria possibilidade” (MÜNSTER, 1993, p.102), quer dizer, enfatiza-se na filosofia materialista do futuro, a teoria das “potencialidades imanentes ao ser”, aquelas que ainda não foram exteriorizadas, mas que constituem uma força dinâmica que projeta necessariamente o ente para o futuro.

Assim, este trabalho do professor Benjamin realiza por meio dos recortes definidos, o caráter positivo da utopia, sua força criadora e “subversiva”, na medida em que antecipa e anuncia uma vontade futura da reconstrução da sociedade segundo idéias de igualdade, dignidade humana, fraternidade e liberdade. Ampliando alguns conceitos de Ernest Bloch, para quem a utopia é “um sonhar para frente” – “o sonho diurno, instância do

consciente que representa o espaço da adaptação e da produção do novo” (BLOCH, 1986, v.I, p.132), *De vãos e ilhas* desenvolve, pode-se dizer, a defesa de um futuro autêntico, ou seja, a existência de um elemento “excedente”, delineado através de personagens e ações descritas nas obras analisadas pelo autor, que permite a transformação de nossa imaginação utópica numa realidade humana em forma de amanhã.

Ao eleger o campo ficcional como objeto central de suas análises, Benjamin Abdala acaba por resgatar o que existe e é inerente ao ser humano, isto é, uma potência recalcada que nos leva a procurar o continente do ainda-não-ser e essa busca define o “princípio esperança”. São os “sonhos diurnos” que permitem a construção das imagens do desejo e a superação da “obscuridade do mundo vivido que define o modo inautêntico de nosso estar aqui existencial”. E como esclarece Benjamin Abdala: “E nós, como atores sociais, procuramos ir além das motivações psicossociais, para situar a memória literária em seu diálogo com o devir, ou, se quisermos, com a utopia – o espaço da aspiração, do sonho – o ‘princípio esperança’, como afirmou Ernest Bloch”. (p.47-48)

O estudo percorre espacialmente contextos situacionais diversos que acabam confluindo para um ponto central comum, ou seja, países deslocados dos centros de poder e decisão, mas que mesmo na condição de Terceiro Mundo ou periferia, de qualquer forma, são inseridos dentro da realidade da globalização. Assim, Brasil, Portugal, Angola, Cabo Verde, Moçambique, por exemplo, permitem ao recorte de estudo proposto uma abordagem mais eficiente das relações históricas, econômicas, sociais e culturais dessas realidades. Ao longo dos ensaios, o autor escreve sobre as formas de resistência que foram capazes de minar algumas realidades políticas instituídas, como é o caso, por exemplo, dos textos “Os cravos de abril e os encontros da história”, “Notas sobre a utopia, em Pepetela” ou “Utopia e dualidade no contato de culturas: o nascimento da literatura cabo-verdiana”. A partir das tensões sociais que se transformam para alguns escritores no mote central de suas narrativas e que perpassam os contextos ficcionais, torna-se imperativo, segundo as perspectivas teóricas desenvolvidas por Benjamin Abdala, que o pensamento utópico esteja intrinsecamente ligado à negação do sistema, despertando, assim, para a possibilidade da transformação, a partir do

que ainda se encontra em gestação: a imaginação utópica que projeta e realiza a transcendência histórica.

Nesse sentido, seu livro nos convida a uma reflexão que recupera a utopia retirando-lhe o sentido pejorativo provocado pela dicotomia “socialismo científico *versus* socialismo utópico”, permitindo à utopia um lugar de resistência do negativo. Autores e obras selecionados como Rachel de Queirós, Antonio Callado, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, José Saramago, Eça de Queirós, Carlos de Oliveira, José Cardoso Pires, Castro Soromenho, Agostinho Neto, Alda Lara, Ana de Santana, Paula Tavares, Orlanda Amarílis, Pepetela, José Luandino Vieira, Assis Júnior, Luís Bernardo Honwana, Boaventura Cardoso, Manuel Rui, Manuel Lopes, Manuel Ferreira, permitem uma abordagem do conceito de utopia a partir da negação da realidade dada, o “mundo vivido”, e dentro do qual se encontram inseridos esses escritores.

“Viajantes e viagens”, “Fronteiras de solidariedade”, “Caminhos do realismo, entre dois séculos”, “Angola: imagens da utopia libertária” e “Cabo Verde: o contato de culturas”, recortes temáticos que organizam os capítulos, colocam em evidência realidades situacionais que se sustentam na imprevisibilidade dos fatos, cada vez mais tingida por uma infinidade de rupturas ou pela dinâmica das novas tecnologias que reforcem continuamente a instabilidade social. Isso também explicaria a desordem que se firma cada vez mais na sociedade contemporânea.

Essas observações desenvolvidas pelo autor direcionam o leitor para uma perspectiva crítica da utopia por meio da análise literária de narrativas ficcionais que não se abstraem das realidades em que se ancoram, pelo contrário, trazem-nas de forma integral para os romances, contos e poemas, construindo verdadeira reflexão e enfatizando o entrelaçamento entre a ação política e a transmissão, por intermédio do discurso ficcional, de sonhos que se concretizam na palavra. Nesses casos, a utopia consistiria no desejo de preservar não só um sonho, mas uma práxis social instituída, a literatura. As transformações decorreriam da junção entre a ação e o sonho – acima das utopias políticas, a humanidade encontrar-se-ia refeita, no sentido de encontrar unidade entre teoria e prática.

As discussões, no entanto, indicam que as sociedades atuais vêm demonstrando cada vez mais as preocupações em torno do seu crescimento tecnológico

e a todo o aparato moderno (bens de consumo e produtos e serviços de alta tecnologia) que acompanha esse avanço. Essa questão, Benjamin Abdala discute especialmente no capítulo “Fronteiras múltiplas e hibridismo cultural: novas perspectivas ibero-afro-americanas” (capítulo que posteriormente deu origem ao livro *Fronteiras múltiplas, identidades plurais*), a seguinte questão: frente ao desenvolvimento, qual é a parcela da população e dos países que são ou serão efetivamente beneficiados por esse progresso, que deveria atingir as sociedades igualmente? Essas questões são relevantes na medida em que trazem realidades históricas particulares e permitem o acesso do leitor à compreensão do conceito de utopia por ele proposto. Segundo o próprio autor:

‘Talvez a aspiração maior, para que se possa sonhar com essas articulações comunitárias da sociedade, seria conseguir num futuro não muito distante que um operário dos Estados Unidos da indústria têxtil, por exemplo, se preocupasse com o salário de um operário desse setor entre os chamados “tigres asiáticos”, que recebem vinte vezes menos. E que um trabalhador brasileiro se conscientizasse do fato de que desde os inícios dos anos 80, quando eclodiu a crise da dívida externa, os países que antigamente chamávamos de Terceiro Mundo têm enviado aos do Primeiro, anualmente, em torno de trinta bilhões de dólares a mais do que recebem na forma de novos empréstimos. E, pior: a dívida não regride, ao contrário, amplia-se. (p.77-78)

Assim, ao aproximar essa contemporaneidade histórica aos desejos e sonhos cultivados por muitos escritores, parece fundamental em *De vãos e ilhas*, registrar as nem sempre tranqüilas reflexões acerca do homem, encerrado nos moldes, na maioria das vezes, ditados por suas sociedades específicas e enquadrado na era do consumo e da nova ordem mundial. Autores e obras encontram-se inseridos nas reflexões desenvolvidas por Benjamin Abdala, a partir de uma preocupação fundamental também para o autor *De vãos e ilhas*: o percurso que se inicia por causa do “Outro”. *De vãos e ilhas* parte em busca de locais deslocados dos centros e que continuamente vêm produzindo trabalhos essenciais para uma compreensão mais consistente e completa da realidade mundial. Contribuindo para tais reflexões, Benjamin Abdala amplia os horizontes do leitor, ensinando-o a aprender a dialogar com o “Outro” e seguindo a direção das realizações concretas. Continua, assim,

com mais este livro, a concretizar o seu “princípio esperança”, numa jornada que busca a construção de muitos sonhos diurnos. O que se registra assim é a comunhão entre a “função antecipadora” no horizonte de realização e a concretização das possibilidades e potências imanentes. Assim, autores e textos selecionados por Benjamin Abdala, além de retomar historicamente a vida, pretendendo reconstruir suas identidades a partir das relações que se definem também através do “Outro”, também procuram construir uma feição muito própria de seu tempo e lugar.

Portanto, *De vôos e ilhas* é um registro profundamente crítico dos tempos atuais, voltados para as realidades de lutas, guerras, carências e as imprescindíveis contestações. A história, que se anuncia não só nos discursos ficcionais analisados, mas também no próprio texto de Benjamin, inculca as inquietações também deste autor que acaba transpondo os limites tênues entre literatura e história, criando para a atmosfera do simbólico, a interação entre ambas.

Delineiam-se, assim, áreas de tensão em que os sujeitos históricos e ficcionais em busca de rupturas, a fim de instaurar uma revisão dos valores, dos contextos vividos e de modos de ser, retomam a utopia capaz de se tornar a própria história, capaz de ser uma possibilidade tornada concreta e real. Distante, portanto, da utopia do século XIX, cuja perspectiva de harmonia era inatingível, a leitura que Benjamin Abdala nos propõe acerca do conceito de utopia a sua realização, num tempo real, mantendo o turbilhão trazido pelas diferenças inerentes à própria existência humana, pois se não houvesse mais as diferenças características da civilização humana, então, construiríamos nossos sonhos diurnos para sermos ‘outra coisa’ e não ‘um outro lugar’. Desse modo, quando Benjamin Abdala nos remete para o campo da “utopia libertária” está pressupondo, também, o respeito em relação à diversidade, à multiplicidade, à diferença.

Terminaríamos, então, propondo um trecho do livro *O conto da ilha desconhecida* de José Saramago, em que o escritor português lança um desafio, assim refletido também por intermédio *De vôos e ilhas*,

Tens com certeza um mister, um ofício, uma profissão, como agora se diz, Tenho, tive, terei se for preciso, mas quero encontrar a ilha desconhecida, quero saber quem sou eu quando nela estiver (...) Se não saís de ti, não chegas a saber quem é. (SARAMAGO, 1999, p. 40)

No entanto, o que a dinâmica social apresenta como empecilho, logo se manifesta na práxis proposta: um trabalho permanentemente envolvido com o seu compromisso político de assinalar e discutir, por meio das análises do mundo criado pela ficção, sobretudo, uma práxis política, histórica e social que acabam por consagrar a obra desse autor.

## BIBLIOGRAFIA

- ABDALA JUNIOR., Benjamin. *De vãos e ilhas – literatura e comunitarismos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BLOCH, Ernest. *The Principle of Hope* (Studies in Contemporary German Social Thought). Translation of *Das Prinzip Hoffnung*. Cambridge (Mass.): MIT Press, 1986, Vol. I, II, III.
- MÜNSTER, Arno. *Ernest Bloch – filosofia da práxis e utopia concreta*. São Paulo: Ed. Unesp, 1993.
- SARAMAGO, José. *O conto da ilha desconhecida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.